

Análise da construção de conceitos históricos a partir dos recursos fílmicos

Nara Lidiana Silva Dias

Graduanda em História
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

José Richelly Carlos de Lima e Silva

Graduando em História
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho objetiva analisar a apreensão de conceitos históricos na prática de ensino que se utiliza de recursos fílmicos. O intuito é observar - mediante pesquisa da aprendizagem, com análise de materiais produzidos por discentes do ensino médio da Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcanti, em Natal, RN, no primeiro semestre do ano de 2012 - que resultados são notados quanto à compreensão de conceitos importantes à ciência histórica depois da utilização de filmes. A referida produção dos alunos se deu em dois momentos. Inicialmente, depois de aula expositiva, foram inquiridos por escrito acerca de conceitos anteriormente explicados verbalmente. Em um segundo momento, após a exibição de filmes, produziram novo trabalho que visava a exposição dos mesmos conceitos, e da identificação deste dentro da obra, para assim, ocorrer uma aferição do aprendizado consequente à observação cinematográfica. Os parâmetros conceituais adotados na análise das dissertações feitas pelos discentes não foram aprofundados devido o nível de conhecimento históricos do alunato, a intenção é apenas perceber se o grau de aprendizagem consegue atingir níveis satisfatórios para o ensino médio, que foi palco da pesquisa. Os filmes utilizados foram "Avatar" (2009) abordando os conceitos de colonização, exploração, aculturação e choque cultural e "Amistad" (1997), no qual trabalhamos os conceitos de Liberdade, escravidão, direito e humano.

Palavras Chaves: aprendizado, conceitos históricos, filmes.

Introdução

Este trabalho ocorre a partir de inquietações surgidas nos estágios obrigatórios de prática de ensino do curso de licenciatura em história pela UFRN. Verificada - em diálogos na sala de aula, ou atividades avaliativas com discentes do ensino fundamental no estágio obrigatório referente à prática docente neste grau de ensino - uma notável deficiência na externalização dos mais variados conceitos históricos, levando a crer na existência de dificuldade em compreender estes elementos tão essenciais à disciplina

histórica. A visualização desta deficiência, somada a uma paixão pessoal que os pesquisadores têm pelo cinema, - que entendendo este recurso como um elemento muito forte de captação da atenção da maioria das pessoas, e facilitador do processo de aprendizagem conceitual histórica na vida dos discentes - motivou a montagem de um projeto de pesquisa que veio a desaguar neste trabalho.

A observação acima registrada, acerca da deficiência conceitual, influenciou os autores desta dissertação a refletir sobre os mecanismos utilizados para o ensino de ideias deste tipo. É impossível discorrer sobre a história sem que se tenha um domínio conceitual que contemple o nível de ensino pretendido. Seria possível entender a história do Brasil colonial sem ao menos saber o que é uma colônia? Esta pergunta é pura retórica, pois existirão sempre conceitos que serão essenciais à reflexão sobre a disciplina histórica, não importa a temática que esteja sendo tratada, e esta questão serve mais como um exemplo de dependência conceitual na prática de ensino desta disciplina.

Diante do exposto, ficam as perguntas: o uso de filmes em sala de aula pode auxiliar o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de história no que diz respeito à assimilação de conceitos importantes a esta disciplina?

Este projeto intenta refletir sobre a estruturação destas bases teóricas que possibilitaram a construção de saber histórico no ambiente de sala de aula, se o uso de recursos fílmicos irá se mostrar como um elemento contributivo neste processo, e analisar se o uso de filmes, somado às aulas expositivas, aperfeiçoará a prática docente em História. Para tanto, partimos da hipótese de que o uso de ferramentas cinematográficas melhorará a assimilação dos conceitos históricos e contribuirá para concretizá-los na mentalidade dos discentes.

Em síntese, este trabalho tem caráter etnográfico por que lida com aspectos do desenvolvimento social humano. Tem atributos qualitativos por observar muito mais que resultados numéricos, pois está mais preocupado com aspectos qualitativos, e uma vez debruçado sobre estes aspectos, dando ênfase ao subjetivismo do aprendizado humano em sala de aula, possui caracteres fenomenológicos, e utilizou um processo experimental simples para coleta de dados, que consistiu em um momento de aula expositiva dialogada acerca de alguns conceitos, ao fim da qual os discentes apresentaram definições dos mesmos. Em outro momento, foi feita a exibição de um filme que expressa os conceitos estudados, e ao fim do qual cada aluno apresentou uma nova definição; acompanhada de sua impressão acerca de uma possível melhoria no seu aprendizado depois de assistir à

produção cinematográfica; e de apontamento de cenas nas quais eles acreditaram ter visualizado cada um dos conceitos.

Os conceitos históricos como elementos indispensáveis na linguagem entre docentes e discentes, e os recursos fílmicos contribuindo para a construção destas bases de comunicação da disciplina de história.

Os conceitos históricos são elementos dos quais dependerá todo o arcabouço cognitivo do discente no que diz respeito aos conhecimentos históricos adquiridos em sua vivência acadêmica. Sem o mínimo de domínio conceitual, o discente se sentirá totalmente alienígena ao conhecimento transmitido em sala de aula, pois haverá uma deficiência na própria base da linguagem histórica que deveria unir o professor e o aluno na busca de novos saberes. Maturando estes pensamentos, na visão de Paulo Freire, vemos que:

(...) A tarefa coerente do educador que pensar certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. (...) (FREIRE, 2011, p. 39)

O aprendizado, nesta pesquisa, foi encarado sob a ótica de uma junção do pensamento de dois autores muito importantes para a educação, Piaget e Paulo Freire.

Em Piaget trabalhamos com o processo de assimilação, que segundo ele, é uma maneira de adaptação do sujeito ao meio. Ocorre assimilação quando o sujeito incorpora os dados externos à estrutura cognitiva que possui. A acomodação é a modificação necessária dessas estruturas para poder incorporar esses elementos externos.

A importância da noção de assimilação é dupla. De um lado, implica, como acabamos de ver, a noção de significação, o que é essencial, pois todo conhecimento refere-se a significações (índices ou sinais perceptivos, tão importante desde o nível dos instintos, até a função simbólica dos antropóides e do homem, sem falar das abelhas e dos golfinhos). Por outro lado, exprime o fato fundamental de que todo conhecimento está ligado a uma ação e que conhecer um objeto ou acontecimento é utilizá-los, assimilando-os a esquemas de ação. (PIAGET, 1973, P.14)

Corroborando com esse processo, Freire afirma que:

(...) nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado, é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 2001, p. 28)

Essa compreensão do processo de aprendizagem é importante para o entendimento dessa pesquisa, uma vez que, os docentes levaram em consideração o descrito acima. As respostas dos alunos foram consideradas corretas por mais que estivessem colocadas diferentes, desde que não divergissem da ideia central externada em sala de aula, acerca dos conceitos.

Como nos lembra o estimado autor, logo acima referido, a prática de ensino é pura comunicação para a construção do pensar certo a partir do desafio do discente pelo docente. Mas, como haverá este desafio se eles estiverem falando em linguagens diferentes, ou se os alunos não conseguem dominar o mínimo de aparato conceitual necessário à compreensão do ensino da história? Tal tarefa se tornará no mínimo ardorosa se tentada desta forma.

Esses conceitos e noções empregados com frequência são evidentemente necessários para tornar o objeto histórico inteligível. No entanto, é importante que se forneça uma descrição mais precisa deles, exatamente porque são expressões conhecidas por todos e, nesse sentido, seu uso torna-se arriscado, em razão do significado que assumem em cada época. (BITTENCOURT, 2004, p. 193)

Assim, diante da inegável compreensão de que a prática de ensino da história, visando um aprendizado de qualidade, aos moldes do que foi até agora externado, sob a luz dos já mencionados teóricos, depende exaustivamente da construção de uma linguagem típica deste universo do saber, e que tal linguagem se fundamenta nos conceitos históricos mais diversos, utilizados ao longo de toda a formação do alunato, este trabalho pretende verificar se o emprego de outro recurso, somado à aula expositiva dialogada, produzirá resultados na construção destes saberes.

O ser humano apreende a realidade a partir dos seus sentidos, isto é inegável. Portanto, a emprego dos recursos fílmicos visa utilizar um tipo de ilustração que se fundamenta na representação da realidade, presente neste tipo de imagem, e que afetará diretamente os sentidos dos discentes, em especial a visão, exercitada a partir da

representação fílmica. Assim, de certa forma, os filmes poderiam possibilitar uma visualização “prática” dos conceitos adotados na história, e ensinados em aulas expositivas.

Circe Bittencourt, falando sobre a importância deste recurso, destaca que os alunos poderiam aprender “pelos olhos e *não enfadonhamente* só pelos ouvidos, *em massudas, monótonas e indigestas preleções.*” (BITTENCOURT *apud* SERRANO, 2005, p. 372)

Esta observação da autora ganha maior dimensão quando tratamos de conceitos históricos, pois estes são elementos muito abstratos, embora tratem de aspectos muitas vezes práticos. Na utilização do recurso fílmico teremos a materialização de tal abstração, que tornará diferente do mero diálogo, que conta apenas com um esforço muito intenso dos discentes para imaginar situações que, graças aos avanços tecnológicos das representações fílmicas, podem ser visualizados sem maiores problemas.

A escolha dos filmes para a experimentação e o método utilizado

Após tudo o que foi exposto, fica proposta uma nova pergunta: como poderemos aferir os resultados que o uso de filmes pode gerar? Esta questão é muito pertinente, e difícil de ser respondida, e não podemos cair na ilusão de que ela possui respostas definitivas, afinal, a própria Bittencourt destaca em sua obra *Ensino de história: fundamentos e métodos* que apesar de já fazer parte do cotidiano escolar, o alcance didático dos recursos em debate é difícil de ser avaliado.

Então, ficará este trabalho, limitado a analisar os resultados obtidos na utilização de filmes em uma sala do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcanti, em Natal-RN. Esta ação se deu da seguinte maneira: Foram selecionados dois filmes, AVATAR e AMISTAD. Para cada um dos filmes em destaque submeteram-se os alunos a dois processos de avaliação conceitual, um antes da exibição do filme, quando os discentes possuíam apenas o conhecimento obtido em aula expositiva, e o segundo após a exibição do filme. Foram montados gráficos de desempenho para cada uma das avaliações propostas, a fim de se aferir os resultados. Tais quadros representativos de resultado englobaram o conjunto de alunos que

participaram do processo, para que assim, pudéssemos verificar se o desempenho geral da turma sofreu variação.

A escolha dos filmes ocorreu depois de uma análise prévia, feita pelos autores deste trabalho, na qual foi constatada, dentro das representações cinematográficas, a presença de alguns conceitos relacionados ao que estava sendo estudado em sala. Vale dizer que tais conceitos ligados ao conteúdo histórico foi o que motivou a escolha deles.

O primeiro filme, AVATAR, foi utilizado para trabalhar os conceitos de colonização, exploração, choque cultural e aculturação, todos inserido no conteúdo de história do Brasil colônia, conteúdo que estava sendo estudado pelos discentes. Como anteriormente descrito, o processo consistiu em um primeiro momento, que foi a definição dos alunos sobre estas idéias. Com este trabalho em mãos, seguiu-se a exibição do filme, depois do qual foi executada uma nova tarefa, que consistiu em pedir que os alunos identificassem os conceitos em cenas do filme; que falassem sobre a ajuda que o filme deu no entendimento dos conceitos; e que fizessem uma nova definição.

No processo avaliativo foi necessário estabelecer um padrão conceitual. Para tanto, utilizamos algumas definições trabalhadas por autores que se debruçaram de forma mais íntima sobre as temáticas.

Entretanto, é importante salientar que, como os alunos são de nível médio, não foi cobrado alto grau de profundidade da parte deles, mas procuramos verificar o mínimo de relação entre os conceitos ensinados em sala e as definições que foram capazes de produzir. Faz-se necessária a exposição de que tal cobrança levou em consideração a limitação de escrita apresentada pelos discentes, que muitas vezes eram capazes de se fazer entender verbalmente, mas não de forma escrita. Os conceitos acima expostos foram trabalhados dentro dos padrões que seguem descritos adiante.

Devido os conceitos assumirem em cada momento significados diferentes é que o historiador deve estar preocupado com a análise das fontes, pois provavelmente sem um acompanhamento devido, os alunos não saberão distinguir as situações corretas em que os conceitos são empregados. Circe Bittencourt afirma que "(...) A utilização de conceitos em sentido atemporal conduz a um dos grandes pecados abominados por todos os que se dedicam a história: cometer anacronismo." (BITTENCOURT, 2004, p. 194).

Houve um maior cuidado, por parte dos docentes, em deixar claro, no segundo filme, AMISTAD, o potencial de transformação que os conceitos possuem, visto que nele

foram tratadas ideias que sofreram mais modificações ao longo do tempo, passíveis, por tanto, de maior risco de se cometer anacronismos.

Faria afirma que:

Em primeiro lugar, o termo anacronismo tem mais de um significado. Pode indicar o trabalho crítico sobre as categorias e conceitos da atualidade, tendo em vista o entendimento de outras experiências históricas. Mas também significa o devido pertencimento de um acontecimento ou crença ao momento histórico que lhe serviria de contexto. Ou seja, dizemos que um historiador é anacrônico quando procura no passado experiências e conceitos que seriam idênticos à sua atualidade. Mas também o dizemos quando acreditamos que ele imputa a um período determinado alguma crença supostamente incompatível (exemplo clássico, Febvre e a demonstração de que o ateísmo seria impossível na França do século XVI). Além destes, ainda há um terceiro significado: o do anacronismo como um sintoma de anormalidade de um sujeito que participa de um tempo, mas não lhe pertence. (FARIA, 2008, p. 3)

Os padrões conceituais adotados como modelo na produção experimental do filme Avatar

Discorrendo sobre os conceitos que serão trabalhados, Nathan Watchel diz que a **aculturação** “é todo fenômeno de interação social que resulta do contato entre duas culturas distintas, e não simplesmente sujeição de um povo por outro.” (SILVA e SILVA, 2009, p.15)

Colonização “significa ocupar um novo chão, trazer a memória da terra antiga (o culto) e transmitir práticas e significados às novas gerações (cultura).” Um processo que para existir tem como pré-requisito o controle político da colônia pela metrópole, tendo como característica a ocupação, exploração e domínios de novos territórios. (SILVA e SILVA, 2009, p.68)

Apesar do conceito de Choque cultural ser atribuído ao antropólogo Kalervo Oberg, preferimos trabalhar com a definição de Bochner, que diz:

Contact with culturally unfamiliar people and places can be unsettling, and the term “culture chock” is frequently used to describe how people react to novel or unaccustomed situations. Although the unknown can be terrifying, we nevertheless argue that culture shock is not inevitable, or for that matter as widespread as is

often suggested. Indeed, in many circumstances culture contact can be a satisfying experience.¹ (BOCHNER, 2003. p. 1)

Já o conceito de exploração foi retirado do dicionário Aurélio, por isso não o aprofundamos muito, porém é importante ser dito que foi exaustivamente falado em sala de aula das mudanças que este conceito sofreu durante a história da humanidade. **Exploração** “é o ato de explorar; procurar, descobrir, pesquisar, estudar; tirar proveito de (pessoa, fato, situação, etc); ludibriar.” (FERREIRA, 2001, p. 306)

Observação gráfica de resultados do processo experimental do filme Avatar

A partir de agora passaremos a analisar os gráficos que foram obtidos nas avaliações feitas com base no filme AVATAR, em sala de aula pelos alunos. É importante dizer que as correções dos exercícios ocorreram em comparações aos conceitos expostos acima. Outro ponto que deve ficar claro, é que para efeito de análise o rendimento abaixo de 50% será tido como insatisfatório, o rendimento entre 50 a 69% será razoável, o de 70 a 89% será tido como satisfatório e acima de 90% trataremos como excelente.

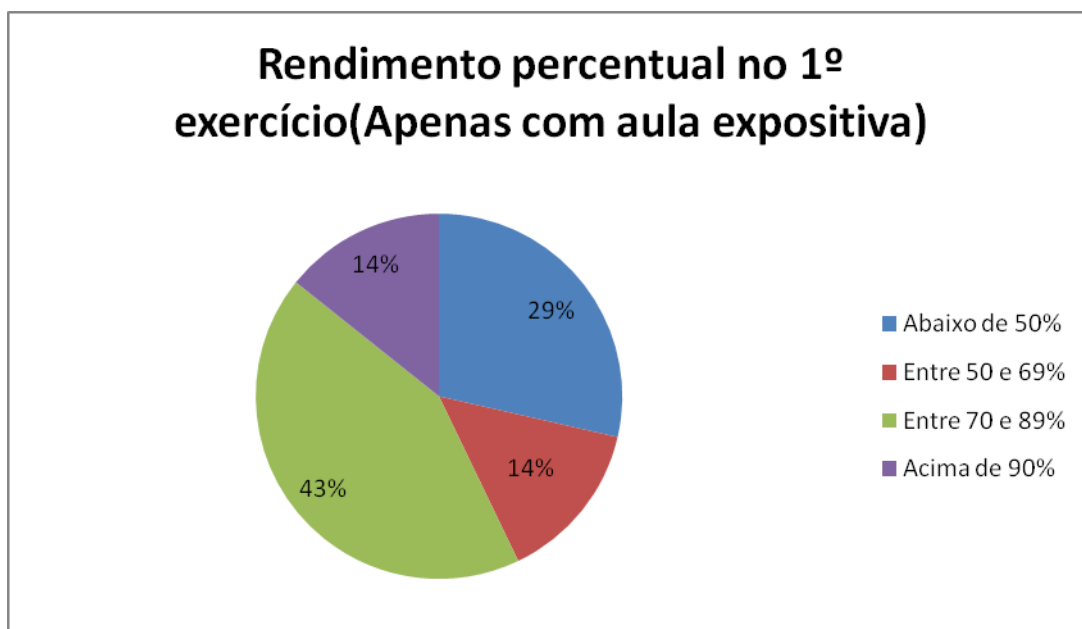


Gráfico 1

¹ Trad. dos autores: Contato com pessoas e lugares não familiares culturalmente, pode ser desestabilizante e o termo choque cultural é muito usado na descrição de como as pessoas reagem a estas novas situações. Apesar de o desconhecido poder ser aterrorizante, contudo, argumentamos que o choque cultural não é inevitável e nem tão devastador, como sugerido. Mas sim, em muitas circunstâncias, contato cultural pode ser uma experiência satisfatória.

Rendimento percentual no 1º exercício(após a exibição do filme)

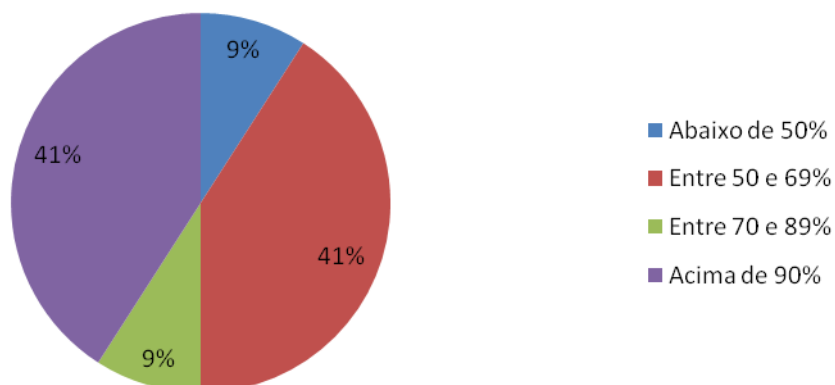


Gráfico 2

A partir dos gráficos 1 e 2 se pode perceber um crescente aprendizado dos alunos. O rendimento insatisfatório caiu vinte por cento. Podemos notar também um crescimento no índice que chamamos de excelente, que subiu de quatorze para quarenta e um por cento. Melhorias significativas dentro do universo macro. Diante do exposto podemos dizer que o aprendizado conceitual dos alunos teve uma modificação positiva depois do filme.

Utilizando a mesma classificação dos rendimentos em um novo quesito, o da capacidade de identificar os conceitos dentro das cenas do filme, poderemos aferir algumas informações importantes. Vejamos o gráfico.

Rendimento percentual na identificação dos conceitos no primeiros filme(Avatar).

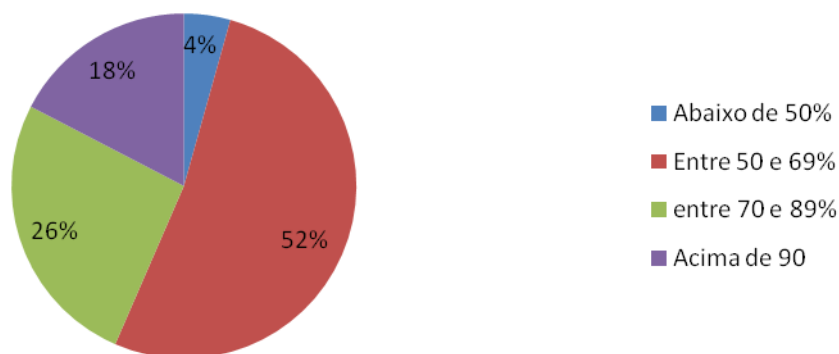


Gráfico 3

O dado mais marcante que notamos neste gráfico é que a faixa de identificação insatisfatória de cenas nas quais estão implícitos os conceitos, ou seja, abaixo de cinquenta por cento de aproveitamento, é quase nula, reduzida a apenas quatro pontos percentuais. Quer dizer, a capacidade de identificar e apontar estas idéias em cenas do longa é quase unânime entre os discentes que se submeteram ao processo de avaliação, embora, na sua maioria, não tenham identificado todos os conceitos, apenas um número ínfimo dentro do universo total dos avaliados, que foram de vinte e dois discentes, se apresentou como incapaz de identificar pelo menos dois conceitos.

Os padrões conceituais adotados como modelo na produção experimental do filme Amistad

Agora passaremos a analisar os gráficos do filme AMISTAD. É importante dizer que pelo grau de maior dificuldade nos conceitos, foi objetivo nosso que os discentes entendessem que estes se modificaram ao longo da história. Quanto a este filme, os conceitos que foram tratados com os alunos são mais profundos, abstratos e mais largos, capazes de motivar maiores reflexões e inquietação em quem se debruça sobre eles.

Conceitos como liberdade, humano, direito e até mesmo escravidão possuem uma abrangência na própria história da humanidade, tendo transcendido o tempo e o espaço ao longo da existência do homem.

Para Claude Meillassoux **escravidão** “é um *modo de exploração* que toma forma quando uma *classe distinta de indivíduos* se renova continuamente a partir da exploração de outra classe.” (SILVA e SILVA, 2009, p.110)

Já **liberdade** é definida “como o individualismo, como a autonomia individual que se materializa nas clássicas liberdades de ir e vir, de se expressar, de comprar e vender, de dispor de sua força de trabalho como melhor lhe convier.” (SILVA e SILVA, 2009, p.263) É importante deixar claro que o conceito de liberdade sofreu muitas modificações ao longo dos tempos e apesar dessa definição a cima ser muito vulgarizada foi a que melhor se adequou ao cotidiano dos alunos.

Quanto ao conceito de **direito**, há de se deixar claro que pedimos dos discentes uma leitura simples, sem nos aprofundarmos nas definições dentro da ciência jurídica, posto que tal conceituação ainda é motivo de muita inquietação dentro deste universo científico. Como diria Tércio Sampaio Ferraz Junior: “(...) podemos dizer que o direito é muito difícil de ser definido com rigor.” (FERRAZ JR., 2003, p. 32)

Semelhante problemática aponta o renomado professor Miguel Reale - um dos juristas de maior dimensão já vistos no Brasil, autor da famosa teoria tridimensional do direito, supervisor do Código Civil Brasileiro de 2002, entre muitas outras obras, que lhe renderam renome nacional e internacional – ao apontar que:

Com a palavra direito acontece o que se dá quando um vocábulo, que se liga intimamente às vicissitudes da experiência humana, passa a ser usado séculos a fio, adquirindo muitas acepções, que devem ser cuidadosamente discriminadas. (REALE, 2004, p. 61)

Diante de tudo isto, entendemos ser mais coerente adotarmos definições do próprio dicionário Aurélio da língua portuguesa, que trará de forma mais simples e próximas da realidade dos discentes, algumas conceituações adaptadas à situação cognitiva do alunato.

Direito (...) “é o que é justo, conforme à lei; faculdade legal de praticar ou não praticar um ato; prerrogativa que alguém tem de exigir de outrem, em seu proveito, a prática ou abstenção de algum ato; o conjunto de normas jurídicas de um país.”(...) (FERREIRA, 2001, p. 238)

O conceito de **humano** se mostra até mais complexo do que o de direito. Foram vários os debates encontrados que abordavam esse conceito. E apesar de todas as ideias acerca desse conceito decidimos por optar pela definição de Joseph Fletcher que elenca vários aspectos do que ele chamou de “*indicadores de humanidade*” que são eles: autoconsciência, autodomínio, sentido do futuro, sentido do passado, capacidade de se relacionar com outros, preocupação pelos outros, comunicação, curiosidade. Em função disso, nós buscamos nas definições dadas pelos nossos alunos aspectos que remeteriam a tais características.

Observação gráfica de resultados do processo experimental do filme Amistad

A discussão passa agora à análise dos gráficos do filme AMISTAD, seguindo o meso método avaliativo do filme AVATAR e a mesma denominação dada aos percentuais.

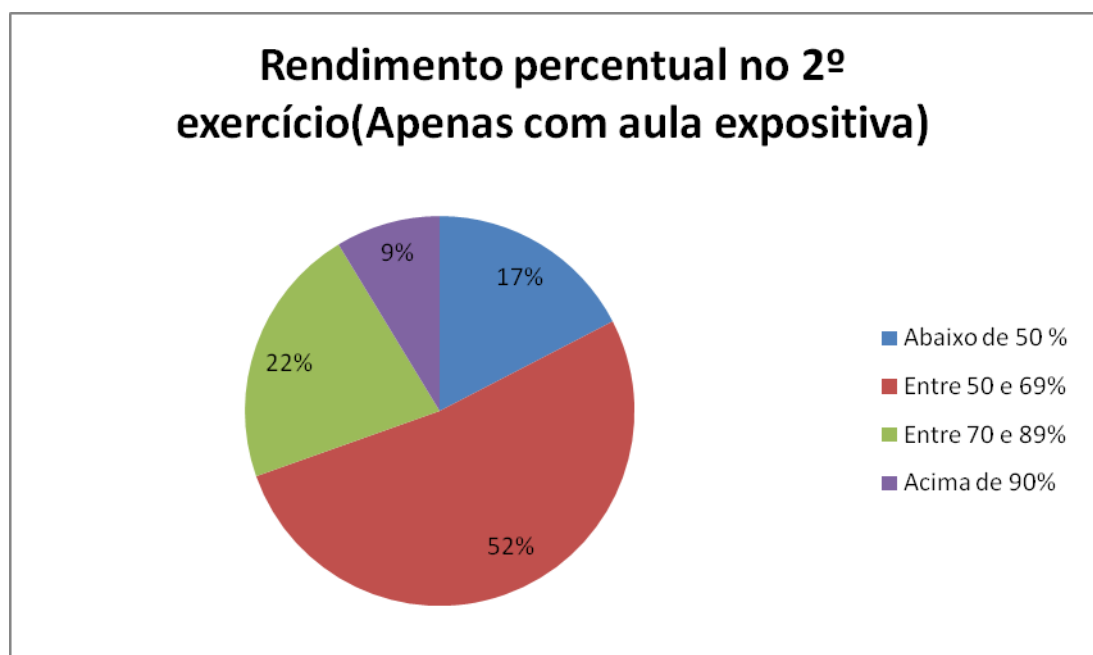


Gráfico 4

Rendimento percentual no 2º exercício (Após a exibição do filme)

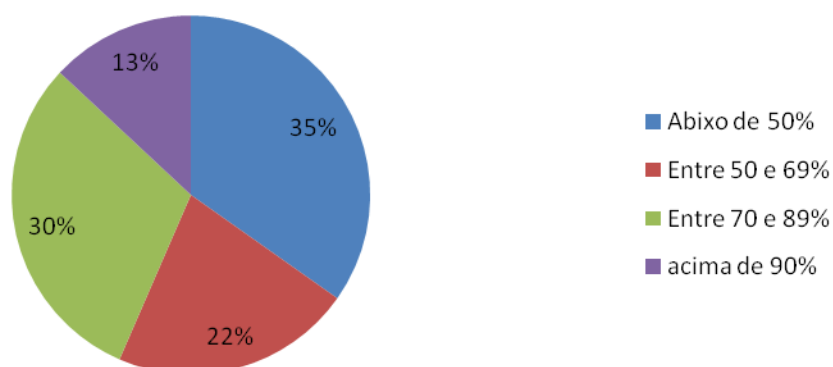


Gráfico 5

Neste gráfico podemos notar que os resultados obtidos nesta experiência não foram tão substancialmente positivos quanto na primeira. Acreditamos que isto talvez se deva a três fatores: aos conceitos que foram trabalhados nesta segunda experimentação, que são mais complexos, realmente mais difíceis e abstratos que aqueles tratados no primeiro momento; ao fato de que o filme Amistad é menos dinâmico que Avatar, o que contribuiu para uma maior dificuldade de concentração por parte dos discentes; e por que Avatar trata com maior clareza os conceitos que propusemos aos discentes para analisarem nesta película.

Notamos que o gráfico que representa os alunos que foram excelentes teve uma leve alta. Saiu de 9 pontos percentuais para 13, uma alteração de apenas 4 pontos. Uma maior elevação pode ser notada no grupo tratado como satisfatório, que saiu de 22 pontos para 30, uma elevação de 8 pontos. Mas, a maior alteração ocorreu no grupo tido como regular, que caiu de 52 pontos para 22, uma redução de 30 pontos percentuais, que é acompanhada da elevação de 18 pontos no grupo dos insatisfatórios.

O que podemos tirar destes dados, como elemento positivo, é o fato de que os índices dos excelentes e satisfatórios, somados, representaram uma elevação de 12 pontos, fazendo-nos crer que houve uma melhoria de qualidade que, embora não tão intensa quanto no primeiro filme, não pode ser ignorada. Mas, chama a atenção o fato de que o grupo dos insuficientes aumentou em 18 pontos, o que representa uma piora no desempenho. Refletindo sobre isto, aferimos que a escolha do segundo filme pode não ter sido muito feliz, que ele pode ter até mesmo trazido um pouco de confusão conceitual

para os discentes; ou que seria indispensável para o processo de aprendizagem um terceiro momento, onde os filmes seriam discutidos entre alunos e professores, para que os conceitos fossem inteiramente internalizados.

Esta impressão se torna mais forte quando analisamos a capacidade de identificar cenas do filme que remetem aos conceitos. Neste aspecto apenas oito por cento dos alunos apresentaram dificuldade de identificar os conceitos dentro do filme, e quarenta e oito por cento dos alunos ficaram no grupo dos excelentes, como notamos no gráfico a seguir:

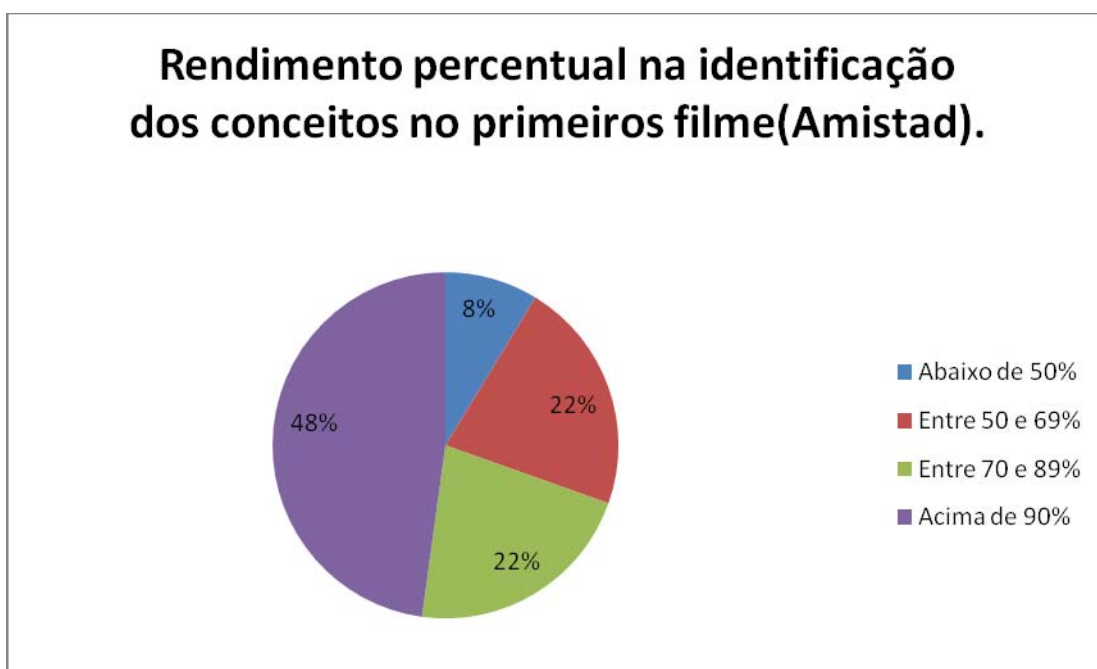


Gráfico 6

Tal informação leva-nos a crer que a capacidade de associar o conceito a uma dada cena existe mesmo diante da dificuldade de produzir um texto que defina o elemento conceitual que foi pedido. É como se o alunato conseguisse observar a idéia na prática, mas tivesse uma enorme dificuldade de transmitir pro papel aquilo que observou representado no cenário fílmico.

Observamos que tal análise gráfica é mais ilustrativa, pelo fato de que há muitas interpretações, e muitos significados que podem ter estas figuras. Diante disto, é inegável uma análise mais íntima das produções feitas pelos próprios alunos, para assim, verificarmos se ganham significado as leituras feitas acima.

Para isto, seguiremos o trabalho fazendo uma análise individualizada dos resultados obtidos em cada um dos conceitos. Com este intuito, pegaremos para cada um

dos conceitos, quatro situações experienciais que demonstrarão a desenvoltura dos alunos em cada uma destas, e observaremos se estas aferições maturadas pelas informações gráficas possuem sentido dentro dos múltiplos universos individuais que representam cada um dos alunos submetidos à experiência.

Observação das respostas dos discentes nos dois momentos de cada filme

O primeiro conceito segundo o qual iremos analisar o desenvolvimento dos alunos é o de **colonização**.

Para este conceito os alunos, cujos nomes serão preservados por causas das implicações legais de suas menoridades, apresentaram, na íntegra, inclusive com os erros ortográficos - método que será adotado para todas as conceituações -, as seguintes respostas:

Exercício 1:

É uma colônia (grupo) de pessoas que passa a colonizar em algum lugar, ou seja, um grupo de pessoas reunidas em um lugar.(J. K. F. M.)

É o ato de explorar terras onde não há domínio de uma colônia, ou seja, um ambiente, povoado apenas por pessoas pertencentes apenas aquela cultura. (M. S. S.)

Quando há um domínio de algum lugar, região. Colonização refere-se ao domínio.(L. S. D.)

A colonização teve como objetivo era de certa forma remodelar as coisas. A finalidade dos colonizadores era a teoria didática o uso da arte, exemplo disso eram os espanhóis, que utilizaram a pintura como um dos instrumentos para a renovação

Outra idéia dos colonizadores era de transmitir o catolicismo, a escola de cuzco era um exemplo deste tipo de empreendimento.(C. J. S.)

Exercício 2:

É a conquista de uma terra descoberta por um país. (J. K. F. M.)

É o ato de abitar um espaço, onde propõem a exploração dos recursos naturais da terra. (M.S.S.)

Ocupação de uma certa região por um grande grupo de pessoas, (ocupação, posse). (L. S. D.)

Quando algum povo tenta costumizar alguma tribo. (C. J. S.)

Nota-se que, de uma forma geral, as respostas ganharam maior objetividade, coesão, e se aproximaram mais do padrão proposto na definição chave. Embora isto não seja uma ocorrência absoluta, há uma evolução na clareza das respostas.

Nas primeiras definições notamos que a idéia de que a colonização está relacionada com exploração, conquista, dominação, ocupação, aparece em apenas duas das definições, na de M. S. S., e na de L. S. D. Já no segundo momento, tivemos em todas elas a presença de pelo menos uma das idéias a seguir: ocupação, conquista, descoberta, exploração, transmissão de costumes. O que denota certa evolução nas definições, se compararmos à chave de resposta, que é a definição teórica adotada como referência.

Veremos agora o conceito de **exploração**:

Resposta 1:

É explorar um local ou seja, tira proveito de tudo que o local oferece. (N. B. P.)

É a descoberta de riquezas como ouro, prata, pedras preciosas. (M. A. M.)

Explorar algo, conhecer novas coisa, explorar novas terras e lugares. (R. C. C.)

O aluno M. T., não apresentou resposta alguma para este conceito, apenas no segundo momento se pronunciou

Resposta 2:

É extrair tudo que um espaço tem a oferecer. (N.B.P)

É retirada de riquezas nas colonias. (M. A. M)

Explorar novas terras para só assim tomar posse delas. (R. C. C.)

Quando explora as riquezas naturais do outro país, aproveitando e extraindo o que havia.(M. T.)

Quanto a este conceito, notamos variações consideráveis em sua exposição nos três últimos casos. O aluno M. A. M. inicialmente tinha relacionado a idéia de

exploração apenas à descoberta de riquezas, no segundo momento ele passa a associar a mesma idéia à de retirada de riquezas, o que se aproxima mais da idéia histórica de colonização. Percebe-se evolução também no conceito apresentado por R. C. C., que no primeiro momento faz confusão entre as idéias de explorar e conhecer novas coisas, mas no segundo ele claramente expõe que a exploração demanda a tomada de posse destas terras descobertas. Foram poucos casos, como o de M. T., que não conseguiram apresentar resposta alguma no primeiro momento, mas no segundo momento expuseram alguma definição. Embora as melhorias sejam sutis, é possível perceber certa evolução.

O conceito de **Choque cultural**:

Resposta 1:

É quando você chega em outro país que tem um tipo de cultura totalmente diferente e se assusta com ela. (M. K. M. M.)

Ocorre quando as pessoas vão visitar países diferente, com culturas diferentes e ocorre um “choque” muito grande. (J. K. F. M.)

É quando dois povos de culturas diferentes se chocão por serem tão diferentes. (N. B. P)

O encontro de duas ou mais culturas diferentes. E em muitas delas há desavenças. (L. S. D.)

Resposta 2:

É quando você chega em um país onde a cultura é totalmente diferente da cultura do país que você abita e você se assusta com os costume deles. (M. K. M. M.)

Trata-se de umas surpresa, quando se conhece uma cultura diferente. (J. K. F. M.)

É o choque entre duas culturas diferentes como o filme retratava. (N. B. P)

Quando duas ou mais culturas se chocam(início de uma mistura). (L. S. D.)

Quanto a este conceito não conseguimos aferir mudanças significativas, de uma forma geral mudou apenas a maneira de expor a mesma idéia, como na amostragem acima exposta. Os alunos normalmente já se aproximavam, antes do filme, da lógica conceitual padrão proposta, apenas com a aula expositiva, e tal aproximação não se percebeu maior após a utilização do recurso cinematográfico.

Passaremos a análise do conceito de **aculturação**:

Resposta 1:

É o ato de se apoderar de costumes que não pertence a sua cultura. (N. B. P.)

São culturas diferentes, cujo uma das culturas pode se servir da cultura adversária. (N. R. S.)

É a modificação de uma para outra cultura como, o que aconteceu em Roma. (M. A. M.)

É uma cultura independente de qualquer uma cultura. (J. K. F. M.)

Resposta 2:

É a implantação de conceitos de uma cultura em outra diferente. (N. B. P.)

Duas culturas distintas ou parecidas uma pela outra formando uma nova cultura diferente, absorvendo de uma cultura pela outra. (N. R. S.)

É quando uma cultura absorve, grande parte de outra cultura e modifica. (M. A. M.)

É a interação social que resulta do contato entre duas culturas. (J. K. F. M.)

Neste conceito é interessante notar a diferença obtida nas respostas. De forma geral, os conceitos evoluíram e se aproximaram mais da definição dada pelo teórico. O aluno (N. B. P.) aponta em sua segunda resposta que no conceito está inserida a idéia de implantação de uma nova cultura, enquanto no primeiro momento ele apresenta apenas uma apoderação de costumes. A primeira definição dada por (N. R. S.) difere da segunda principalmente no fato de que nesta última o aluno agora fala em absorção cultural, uma evolução significativa no seu anunciado. Semelhante fato acontece com (M. A. M.), que num primeiro momento fala apenas em uma modificação cultural, já no segundo ele fala em absorção e modificação, complementando a idéia anteriormente apresentada. No quarto caso apresentado, o aluno (J. K. F. M.) expõem inicialmente uma idéia que em nada se aproxima do que foi proposto pelo referencial teórico, já no segundo momento ele fala em *“interação social que resulta do contato entre duas culturas.”*, o que pode também ser entendido como outra melhora significativa no aprendizado.

O conceito de **Direito**:

Resposta 1:

É terem benefícios na sociedade. (N. B. P.)

Ter direitos e deveres de um cidadão. (R. C. C. G.)

Ter como fazer algo de que é de direito. De receber o que é seu. (M. S. F.)

O que podemos cometer, os direitos vão até um certo ponto, no passado não tínhamos liberdade, hoje depois de muitos conflitos possuímos uma constituição adotando direitos e deveres. (M. S. S.)

Resposta 2:

É o direito sobre uma coisa, no filme mostra o direito dos escravos de ser livre. (N. B. P.)

Ter direitos sobre várias coisas, ter direito a expressar sua opinião, usufruir do que é seu. (R. C. C. G.)

É poder fazer algo, poder ir e vim sem ter que dar satisfação a ninguém, ser dono da sua própria cabeça. (M. S. F.)

Poder intervir, poder opinar. (M. S. S.)

Neste primeiro conceito do segundo filme não conseguimos aferir uma evolução. Em geral os alunos tiveram dificuldade para produzirem definições próximas da chave de resposta. O discente (N. B. P.), por exemplo, associa, inicialmente, a idéia de direito apenas à de benefício na sociedade, enquanto no segundo momento recorre ao filme para produzir alguma definição que não consegue transcrever de outra forma. É como se a ilustração fílmica fosse a materialização de uma idéia que ele não consegue definir. Observa-se de forma geral, uma dificuldade enorme em apresentar definição para tal conceito, o que nos remete ao debate conceitual apresentado anteriormente, que observa a dificuldade enraizada nesta ideia, como destaca Tércio Sampaio de Ferraz Junior e Miguel Reale.

É possível aferir que, embora tenhamos nos esforçado para minimizar a dificuldade do conceito de direito, ainda assim, não foi possível enxergar melhorias significativas nele, se compararmos as respostas dos alunos à chave padrão, mesmo depois do filme. Isto leva a crer que o docente precisará sempre ter uma constante evolução no processo de uso dos recursos em debate, se fazendo, como defende Paulo Freire um eterno observador de sua prática: "(...) Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, contatando, intervenho, intervindo educo e me educo, pesquiso

para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”(FREIRE, 2011, p. 30-31). Este pensamento do ilustre autor se coaduna com o que defende Crislane B. Azevedo, ao afirma que o professor deve se formar como pesquisador de sua própria prática.

A importância de formarmos o professor-pesquisador aparece frequentemente nas discussões educacionais contemporâneas e mesmo parece ter se tornado lugar comum. Marli André já registrou a ampliação da frequência com que tanto a literatura nacional quanto a internacional tratam sobre esse aspecto da formação (In: FAZENDA, 1997). Concordamos com a autora quando afirmou também, em outra ocasião, que as atividades de pesquisa podem proporcionar, ao profissional da docência, meios para a sua reflexão sobre sua prática docente e para buscar formas que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho, proporcionando possibilidades de crescimento também a todos aqueles com quem trabalha. (Azevedo, 2010, p. 4)

Conceito de **escravidão**:

Resposta 1:

Era uma exploração que era praticada em cima dos negros e etc. E possa ser que até hoje muitos estejam sendo explorados. (L. S. D.)

Ser escravo, só fazer o que o patrão mandar, os negros eram escravos só por causa da cor e por serem pobres. (R. C. C. G)

Uma pessoa que é totalmente submissa a outra, não tem seus direitos. (N. R. S)

O trabalho forçado ou obrigado por pessoas que tem o menor poder sobre tudo. (R. S. L.)

Resposta 2:

Quando há um trabalho explorado. (L. S. D.)

Ser preso, não ter liberdade, submissão, exploração. (R. C. C. G)

Não ter o seu direito. (N. R. S)

É obriga pessoas a trabalhar sem ganhar nada em troca. (R. S. L.)

Neste conceito também não foi notada melhoras significativas. Apenas, dentre os alunos acima citados, o aluno R. C. C. G conseguiu ligar a ideia de escravidão a submissão e exploração, os outros não tiveram a mesma percepção, relacionando o

conceito mais a trabalho explorado e ganhos, como o caso dos discentes L. S. D. e R. S. L..

Conceito de **liberdade**:

Resposta 1:

É tudo que posso fazer sem que algo me interfira ou me empessa. (R. S. L)

A pessoa ser livre para fazer o que quiser. (M. A. M)

Ser livre. Mas na época não tinha liberdade. (J. S. L.)

Liberdade é ir e vim livremente, isso hoje em dia. Pois antes não havia liberdade so se for a de trabalhar. (M. S. F)

Resposta 2:

É poder se expressar como um cidadão qualquer. (R. S. L)

É a pessoa ser ir e vir, e ser livre. (M. A. M)

Quando a gente é livre para ir, qualquer lugar. (J. S. L.)

Poder ir e vim a qualquer hora que quiser sem precisa pedir a ninguém. (M. S.

F)

No que se refere a este conceito, os dois momento representaram uma considerável semelhança com a chave de resposta. O alunos expressaram, já no exercício de depois da aula expositiva, e talvez já possuíam, até mesmo antes dela, uma noção muito forte de que a liberdade é um direito que se relaciona com o cumprimento da individualidade e do princípio jurídico segundo o qual todo ser humano tem direito de ir e vir sem ser molestado. Em face disto, de forma geral, não percebemos grande diferenças nos resultados expostos.

Conceito de **humano**:

Resposta 1:

Conhecido também como “homo sapiens” pessoas que têm direitos e deveres e vivem em uma sociedade. (N. R. S)

É um ser vivo, que tem a vida livre para se fazer o que quiser. Tem a liberdade e o direito sobre fazer algo que quiser, mas ninguém é perfeito. (J. K. F. M)

Viver a vida com direitos iguais e ser tratado igual uns aos outros. (M. T.)

O aluno R. S. L. não conseguiu desenvolver nenhuma ideia deste conceito no primeiro exercício.

Resposta 2:

É ter seus direitos, deveres em uma sociedade. (N. R. S)

Tem o livre arbítrio, com isso eles tem a liberdade para fazer o que quer, muitas vezes são escravos de algo, ou até mesmo para alguém, e também tem o direito de fazer suas escolhas. (J. K. F. M)

É você tratar as pessoas como se fosse você. Ser iguais. (M. T.)

É ser reconhecido como gente e não como bicho. (R. S. L.)

Este conceito é muito interessante de ser analisado, se levarmos em consideração que cada resposta acima demonstra pelo menos um aspecto da questão chave. O aluno J. K. F. M. relaciona na segunda etapa a questão da escolha, que nos remete a característica da autoconsciência. O aluno R. S. L. não conseguiu aferir nenhuma resposta no primeiro momento, já na segunda atividade, ele aborda a questão do respeito ao ser humano, demonstrando uma opinião sensata acerca do conceito. E o discente M. T. aborda a ideia da preocupação ao outro tanto no primeiro momento quanto no segundo.

É importante notar que apesar das respostas do segundo filme não se aproximarem tanto das questões-chaves, diferentemente do que ocorreu no filme *Avatar*, os alunos por mais distantes que ficaram da conceituação pré-estabelecida conseguiram identificar no filme momentos que se referem a cada conceito. Apresentaremos, abaixo, alguns desses exemplos, transcritos da mesma forma que os alunos responderam, inclusive com erros ortográficos.

Acerca do conceito de direito:

Foi quando aquele homem lutou até o fim para os escravos terem seus direitos de ser livre. (T. M. N. S)

D) *No momento em que eles os africanos tem o direito de se expressar. (D. M. F.)*

Em todo o início do filme seus direitos não estavam sendo garantidos. (L. S. D.)

Acerca do conceito de escravidão:

Quando uma tribo pegou a outra, para vender como escravos. (M. A. M.)

No momento em que foram obrigados a entrar no navio negreiro, passando por situações precárias. (M. S. S.)

No momento em que eles foram capturado, se tornando escravos. (N. R. S.)

Acerca do conceito de liberdade:

Foi no momento em que o juiz decretou a volta dos negros para seu destino de origem, a África. (M. S. F.)

Foi quando eles foram devolvidos a África. (M. T.)

Quando eles conseguiram ir para a casa deles na África. (T. M. N. S.)

Por fim o conceito de humano:

Só quando os negros foram libertados e todos estavam com suas vestes, foram considerados humanos, já que naquele tempo só os brancos eram humanos. (R. C. C. G.)

Quando os negros estavam com roupas que nem os brancos. (T. M. N. S.)

A partir do julgamento onde eles passaram a se vestir e ter o direito de intervir. (M. S. S.)

Verifica-se, por meio dos exemplos acima, que há uma maior facilidade em identificar os conceitos nas cenas do que prestar definições dos mesmos. A visualização fílmica acaba por funcionar como uma materialização das ideias, mostrando que talvez a dificuldade dos discentes sejam mais relacionadas com a escrita do que com a compreensão conceitual.

Considerações finais

Diante de tudo que foi exposto ficam alguns aprendizados aos docentes que aplicaram tal pesquisa em sala de aula. A primeira delas é a necessidade de uma educação básica de qualidade, que ao invés de desmotivar o aluno e descreditá-lo o deixe mostrar até onde ele pode ir, fazer o contrário do que vem sendo feito, no qual muitas vezes o professor limita seus alunos e diz a eles que não são capazes de passar daquele determinado ponto. Freire diz que o aluno deve ser estimulado a aprender por ele mesmo, por sua própria prática.

O segundo ponto foi a necessidade notada pelos professores – pesquisador de um terceiro momento que compilasse todos os aspectos trabalhados até aquele momento, mais um diálogo que qualquer outra coisa, no qual os alunos exporiam eventuais dúvidas e questionamentos que ainda tivessem, para só aí, então, fazerem novas atividades acerca dos conceitos.

O terceiro e último aspecto notado, foi a necessidade de mais tempo trabalhando novos filme e outros conceitos, que não foi feito devido o estágio obrigatório ter limite de término, para só então aferir a real qualidade desse método em sala de aula, apesar dos professores - pesquisador, acreditarem no técnica, faltou mais experiências para embasar melhor esta pesquisa.

A ausência de resultados palpáveis – ocorrida em algumas experimentações conceituais - possui múltiplos significados, diversas e possíveis motivações, - não é a problemática desta pesquisa. O que é buscado aqui são possíveis resultados, refletidos em sinais muitas vezes sutis, que ocorrem em alguns momentos, e em outros não, demonstrando que esta é uma reflexão que se estenderá no próprio ofício docente dos pesquisadores deste trabalho, por meio de outras investigações, advindas com as novas problemáticas surgidas em face desta pesquisa. Basta, por hora, atentar que os resultados notados, devido à importância da educação, por menores que sejam, devem ser levados em conta, para motivar o uso deste recurso, a fim de potencializar o processo educacional.

No início deste trabalho foram levantados dois questionamentos que foram norteadores de toda esta pesquisa. A primeira é se o uso de filmes em sala de aula pode auxiliar o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de história no que diz respeito à assimilação de conceitos importantes a esta disciplina? E a segunda é se o uso de filmes, somado às aulas expositivas, aperfeiçoará a prática docente em História?

Apesar das poucas práticas experienciadas em sala de aula o recurso fílmico se mostrou sim como um grande auxiliador no processo de ensino e aprendizagem dos alunos no que diz respeito a assimilação e identificação dos conceitos trabalhados. Não nos propomos a responder aqui sobre sua eficácia, mas apenas sobre o auxílio deste recurso em sala de aula.

A segunda questão com certeza também tem a sua pergunta uma resposta positiva. A prática docente ela deve ser aperfeiçoada diariamente. O uso do recurso em questão mais as aulas expositivas aperfeiçoaram sim a prática docente dos professores que aqui vos fala, uma vez que as aulas com os filmes tiveram que ser elaboradas e pensadas criteriosamente, demandando uma somatória de tempo muito maior para o planejamento.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Crislane B. **Estágio supervisionado como lugar de pesquisa e suas implicações na formação do professor de história:** Apostila de texto (Aula de Estágio Supervisionado). Natal: UFRN, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOCNER, Stephan. **Culture shock due to contact with unfamiliar cultures.** In: Lonner, W. J., Hayes, S. A., & Sattler D. N. (Eds.). **Online Readings in Psychology and Culture.** (Unit 8, Chapter 7), (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Culture Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, USA. 2003.
- FARIA, Daniel. **Memórias póstumas de Camões. Ou, o anacronismo em três tempos.** ArtCultura, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 57-72, jul.-dez. 2008.
- FERRAZ JR., Tércio Sampaio. **Introdução ao estudo do direito:** técnica, decisão, dominação. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o mini dicionário da língua portuguesa.** 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos.** Tradução de Franscisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.
- REALE, Miguel. **Lições preliminares de direito.** 27 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 2ed. São Paulo: Contexto, 2009.